

MOREIRA, Fernanda. *Apontamentos sobre “Um Sonho no Caroço do Abacate”*, de Moacyr Scliar

APONTAMENTOS SOBRE “UM SONHO NO CAROÇO DO ABACATE”, DE MOACYR SCLIAR

NOTES ABOUT MOACYR SCLIAR’S “UM SONHO NO CAROÇO DO ABACATE”

Fernanda dos Santos Silveira Moreira*

Resumo

Este trabalho tem como objetivo discutir alguns dos aspectos problematizados em *Um sonho no caroço do abacate*, livro infanto-juvenil de um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea: Moacyr Scliar. Publicado em 1995, esse livro tem como narrador o jovem Mardoqueu Stern, filho de imigrantes judeus lituanos que chegaram ao Brasil pouco antes da Segunda Guerra Mundial. Ao lado de seu amigo Carlos e de sua namorada Ana Lúcia, Mardoqueu experimenta conflitos dentro e fora de seu ambiente familiar, em uma narrativa que discute os preconceitos religioso e racial na sociedade brasileira. Neste estudo ressalta-se, ainda, de que forma a leitura dessa obra pode contribuir para oportunizar entre os jovens esse debate, ainda muito necessário, em escolas ou outros espaços de leitura.

Palavras-chave: Moacyr Scliar, Literatura Brasileira, Literatura Infanto-juvenil, Preconceito.

Abstract

The study aims to discuss some of the problems mentioned in *Um sonho no caroço do abacate*, a children's book by one of the main names of contemporary Brazilian literature:

* Mestre em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Moacyr Scliar. Published in 1995, this book has as narrator the young Mardoqueu Stern, son of Lithuanian Jewish immigrants who arrived in Brazil just before World War II. With his friend Carlos and with his girlfriend Ana Lúcia, Mardoqueu experiences conflicts within and outside his family environment, in a narrative that discusses religious and racial prejudice in Brazilian society. In this work it is also highlighted how the reading of this book can contribute to provide to young people this debate, still very necessary, in schools as well as in other reading areas.

Keywords: Moacyr Scliar, Brazilian Literature, Children's Literature, Prejudice.

Um dos maiores nomes da literatura brasileira contemporânea, Moacyr Scliar é autor dos conhecidos *O centauro no jardim*, *A mulher que escreveu a Bíblia* e *A estranha nação de Rafael Mendes* e de muitos outros romances, contos, crônicas e ensaios, pelos quais Scliar recebeu diversos prêmios. Sua obra é composta também por uma vasta lista de livros infanto-juvenis, dentre os quais destacam-se *Câmera na mão, o guarani no coração* (1998), *Aquele estranho colega, o meu pai* (2002), e *Ciumento de carteirinha* (2006), em que os personagens enfrentam conflitos reconhecíveis ao público infanto-juvenil, oportunizando, assim, tanto o gosto pela leitura literária quanto a criação de um espaço para a reflexão sobre temas importantes de forma crítica e reflexiva.

Segundo Talita Felix Schneider, em “O herói na literatura juvenil de Moacyr Scliar”, de 2012, os livros de Scliar voltados para o público juvenil se caracterizam por duas temáticas principais: a busca da identidade e os relacionamentos humanos.

Esses dois aspectos, por sua vez, são os que mais perturbam e inquietam o jovem que está numa fase de transição em que precisa encontrar respostas para seus conflitos. Para isso, nada melhor do que contar com a experiência vivida pelas personagens dos livros de Scliar que se encaixam no cotidiano de qualquer adolescente. A narração em primeira pessoa, predominante nos livros, aproxima o leitor da história e das personagens, facilitando a identificação entre jovem e herói. (...) As personagens criadas permitem ao adolescente uma identificação positiva que eleva seu padrão de discernimento, mostrando-lhe outros modos de ser e viver (SCHNEIDER, 2012, p. 12-13).

Neste trabalho propõe-se uma análise inicial de uma das obras infanto-juvenis de Scliar, *Um sonho no caroço do abacate*, publicado em 1995 e que narra uma história que, nas palavras do escritor, possui algumas características autobiográficas. No prefácio do livro, o autor salienta que, algumas vezes, histórias vividas podem nos ajudar a discutir assuntos que podem interessar a muitas pessoas, por isso, compartilha alguns pontos de sua história pessoal enquanto um menino judeu que nasceu e cresceu no Brasil, e parte de sua experiência como alguém que já sofreu preconceitos para alertar o leitor de que este é um caminho perigoso:

“Porque a tragédia da intolerância é esta: ela faz com que os perseguidos, pelo medo, se fechem em seu pequeno círculo. Intolerância gera mais intolerância” (SCLIAR, 2002, p. 8). E argumenta:

Minha infância e juventude foram marcadas pela sombra do preconceito – de vários tipos de preconceito. Há coisas que hoje parecem incríveis, porque, apesar dos pesares, o mundo e o país melhoraram muito. Mas é suficiente lembrar que até há alguns anos, nos Estados Unidos, os negros não podiam entrar em lugares frequentados pelos brancos, para nos darmos conta da intensidade do racismo. Eu tive a sorte de nascer no Brasil. Se meus pais não tivessem emigrado, se tivessem ficado na Europa, como muita gente de nossa família, eu poderia nem ter nascido – ou poderia ter virado cinza em forno crematório, como aconteceu a muitas crianças. Escapei deste destino e por isso sou grato ao nosso país. Que, no entanto, não está totalmente livre da intolerância (SCLIAR, 2002, p. 7-8).

A história de *Um sonho no caroço do abacate* é narrada por Mardoqueu Stern, o Mardo, filho de imigrantes judeus lituanos que vieram para o Brasil em 1939. Marcados pela pobreza, pela fome, pela humilhação, e, principalmente, pelo temor da chegada de Hitler ao poder, seus pais, recém-casados, decidiram partir para um lugar do qual pouco sabiam, atraídos pela possibilidade de viver em um país que, pelas fotos, parecia promissor e mais seguro do que a aldeia na qual viviam.

Mas havia também, em particular para Ida, mãe de Mardo, a esperança de abundância de açúcar e de frutas que poderiam ser comidos à vontade no Brasil, e daí a imagem mágica do abacate, que ela nunca havia sequer experimentado, mas acreditava ser uma iguaria digna da realeza. Foi a idealização de fartura de alimentos e o sonho de uma vida melhor e mais segura que os sustentou até chegarem ao Porto de Santos. Ao desembarcarem, a primeira providência foi comprar o tão sonhado abacate que, para frustração de Ida, não lhe pareceu tão saboroso assim. “Pelo visto, as coisas não seriam tão fáceis como pareciam” (SCLIAR, 2002, p. 12).

Mardo era o segundo dos quatro filhos desse casal de imigrantes e, dada a rebeldia do primogênito David, passou a representar as esperanças da família de um futuro melhor no

Brasil. O pai, então, preocupado com seu desempenho na escola judaica do Bom Retiro, decide enviá-lo para uma escola católica, o Colégio Padre Juvêncio, o Juva, apesar de toda a relutância do jovem e da mãe, que vivia restrita à convivência nos círculos judaicos, e para quem *gói*¹, dados todos os temores pela perseguição que seus familiares sofreram, “era sinônimo de malignidade” (SCLIAR, 2002, p. 16).

Um dos livros infanto-juvenis de Scliar que apresentam, em diferentes níveis, personagens e características da vida dos imigrantes judeus e seus descendentes no Brasil², *Um sonho no caroço do abacate* manifesta alguns dos traços mais marcantes da escrita desse escritor no que diz respeito às narrativas de temática judaica. Nas palavras de Regina Zilberman em “O escritor, o leitor e o livro”, de 2011, a obra de Scliar se destaca pela:

Narração da trajetória da imigração judaica da Europa para o Brasil, com suas consequências mais diretas, tais como a instalação desse contingente de pessoas no país, especialmente no Rio Grande do Sul, as dificuldades de adaptação, a preocupação com a educação dos filhos, o sucesso profissional desses, os problemas pessoais decorrentes da integração ao novo modo de vida (ZILBERMAN, 2011, p. 64).

Um sonho no caroço do abacate apresenta algumas similaridades com outras narrativas com essa temática. Como em *Os deuses de Raquel*, de 1975 (SCLIAR, 2003), é possível observar o envio de filhos de imigrantes judeus para escolas de orientação católica, onde são confrontados por uma fé diferente daquela de sua família. Entretanto, enquanto a protagonista deste se sente dividida entre a tradição judaica familiar e as crenças cristãs que lhe são apresentadas na escola, Mardo administra seus pensamentos e sentimentos de forma diferente: era um ótimo aluno na matéria de religião, sabendo tudo sobre o Novo Testamento, participando das atividades propostas pela escola e destacando-se entre os demais alunos. Sentia certo estranhamento em relação ao que lhe era ensinado na escola, mas, ainda assim,

¹ Não judeu.

² Esse aspecto também é observável em *No caminho dos sonhos* (1998) e *A voz do Poste* (2008).

decidiu participar do campeonato de desenho cujo tema era Jesus na cruz – ganhando o concurso ao desenhar, na verdade, Jesus a partir do rosto de seu avô quando jovem. Mas também era latente nele o sentimento de injustiça por todas as intimidações sofridas, ao tentarem lhe imputar uma culpa também diversas vezes atribuída aos seus ancestrais. Não se sentia tão próximo da divindade judaica, sem nome ou face, mas também não se apegou, como Raquel, à fé cristã.

Outra semelhança pode ser percebida na estruturação familiar e nas expectativas em relação à educação e ao futuro dos filhos: Mardo torna-se o depositário das esperanças da família porque seu irmão mais velho, David, desde pequeno tinha se rebelado contra a tradição e os anseios de seus pais: “David – o Dado –, era uma fonte de desgosto permanente: não quis estudar; jogava, meteu-se com más companhias, foi até preso. Desde pequeno era rebelde; aquele, constatou meu pai, não seria o filho que realizaria os seus sonhos” (SCLIAR, 2002, p. 14). Descrição semelhante pode ser encontrada na narrativa de *Os Voluntários*, de 1982 (SCLIAR, 2001), na qual o personagem judeu, Benjamin, torna-se o responsável por seguir os sonhos de seus pais, que desejavam que ele fosse um engenheiro – sonho malogrado –, já que Nunho, o filho mais velho, havia saído de casa e mantinha comportamentos estranhos, e cujas atividades os pais preferiam nem saber. Em ambos os livros, apesar dos poucos recursos e dos muitos sacrifícios enfrentados pelos pais imigrantes, a educação é vista como um investimento de grande importância, o que possibilitaria aos filhos um caminho melhor que o deles. Ainda no começo da história, Mardo enfatiza as palavras de seu pai: “Meus filhos não vão passar pelo o que eu passei, costumava dizer meu pai, entre solene e divertido, entre amargo e esperançoso. Mais não falava, mas todos nós sabíamos a que ele se referia: a fome, a pobreza, a humilhação” (SCLIAR, 2002, p. 9).

Entretanto, há uma mudança significativa no espaço no qual se passa a narrativa: em boa parte de seus livros de temática judaica, as histórias de Scliar se desenvolvem em Porto Alegre, em particular no bairro do Bom Fim, como em *A guerra no Bom Fim* (1972), e em *O exército de um homem só* (1973). Já em *Um sonho no caroço do abacate*, a família de Mardo vai residir com muitas outras famílias judaicas, no Bom Retiro, em São Paulo, local onde, historicamente, muitos judeus e outros imigrantes, se instalaram entre o fim do século XIX e durante o século XX. Segundo Carlos Alberto Póvoa, ao longo do tempo, “diversas instituições educacionais, sinagogas e comércios já confirmavam o lugar judaico no Bom Retiro” (PÓVOA, 2007, p. 167).

A problemática da integração dos imigrantes judeus no Brasil é, também, bastante perceptível na história. No novo colégio, Mardo é exposto a diversas situações em que é vítima de preconceito. Frequentado apenas por rapazes católicos da elite paulistana, o Juva tornou-se um lugar de enfrentamento diário, no qual ele só podia contar com o apoio do padre Otero, que já na chegada o adverte: “estes meninos só convivem entre si, não conhecem outras pessoas. Concordaram a contragosto. E acho que você terá problemas” (SCLIAR, 2002, p. 19). E os problemas foram muitos. Mardo tinha a impressão de viver um sábado de aleluia diário, em que ele era sempre o Judas, que precisava ser perseguido e, muitas vezes, agredido fisicamente.

Mas o pior estava por vir, eu sabia. Afinal, eu tinha atrás de mim a experiência de séculos de perseguição e sofrimento, à qual se acrescentava a minha modesta contribuição; vez por outra – no sábado de Aleluia, com certeza – éramos perseguidos por bandos de garotos que vinham de outros bairros não para malhar o Judas, para malhar a nós. E malhavam bem: numa dessas ocasiões fui parar no pronto-socorro com o braço quebrado (SCLIAR, 2002, p. 22).

Na escola e nos arredores de seu bairro, sentia-se marginalizado e seu próprio nome era motivo de zombaria: “‘Mardoqueu, pior que o meu nome só o teu’. ‘Mardoqueu, nunca ganhou, só perdeu’” (...) “Mardoqueu, isso é nome?” (SCLIAR, 2002, p. 21-22).

Mardo recebia ameaças nas aulas e nos intervalos e era agredido psicologicamente pelos outros rapazes, tendo seus livros rasgados e animais postos em sua mochila e recebendo empurrões constantes pelos corredores. Sua permanência na escola motivava represálias cada vez mais intensas dos outros rapazes. Chegava a receber bilhetes com a pretensa assinatura de Jesus, exigindo sua saída: “Não fico num lugar onde os judeus mandam. Assinado: Jesus Cristo” (SCLIAR, 2002, p. 29).

Enquanto judeu, via-se confrontado em sua relação com a figura de Cristo, com as crenças católicas e com a história de seus antepassados e as culpas que lhe atribuíam e que ia assumindo como suas. Se antes, a figura do Judas era apenas parte da narrativa da crucificação, a presença de Mardo na escola, o primeiro “israelita” do Juva, personificava uma imagem que os demais alunos se empenhavam em destruir, mostrando toda a carga de ódio que uma narrativa propagada diversas vezes pode adquirir.

Mardo vê-se, então, em um entre-lugar, uma vez que já não está tão próximo dos outros rapazes do Bom Retiro e não consegue integrar nenhum grupo de amigos na nova escola, sem ter com quem partilhar o que passava – nem mesmo com a família. E é em meio a toda essa problemática que surge um aluno novo, Carlos. Filho de um importante consultor jurídico, Carlos entra no Juva enfrentando e confrontando outro tipo de preconceito: o racial. Carlos é descrito como um “menino magro, franzino, cuja expressão de permanente sofrimento antecipava sempre uma tragédia” (SCLIAR, 2002, p. 32). Com as diversas ameaças e hostilidades sofridas, Carlos tinha considerado sair da escola, mas, como Mardo, decidiu persistir, porque aqueles “caras têm de aprender que negro é gente” (SCLIAR, 2002, p. 35).

Mardo afirma que eles dois não se tornaram amigos por acaso: “foi a consciência” de pertencerem “ambos à categoria de perseguidos” (SCLIAR, 2002, p. 34) que os aproximou. Entretanto, apesar da amizade imediata entre ambos, o próprio Mardo é confrontado em seu preconceito individual: “Por incrível que pareça, eu, membro de um grupo vítima de preconceito, tinha de lutar contra o meu próprio preconceito, contra a sensação de estranheza e até de desconforto” (SCLIAR, 2002, p. 35).

A narrativa se amplia e se problematiza quando Mardo se apaixona pela irmã mais velha de Carlos, Ana Lúcia. Ao decidir viver um romance com ela, os olhos de Mardo são abertos para uma compreensão mais ampla e mais profunda dos preconceitos arraigados em nossa sociedade. Ele começa a ouvir comentários maldosos de estranhos – “Branco com mulata, que história é essa?” (SCLIAR, 2002, p. 48) – e depara com o receio da família de Ana Lúcia de que os dois permanecessem juntos. Mas é dentro de seu grupo familiar que Mardo enfrenta maior resistência. E é nas palavras de sua mãe que se torna mais palpável a apreensão, e mesmo o desespero, pelo relacionamento do filho com uma *gói*.

Meus pais morreram num campo de concentração – ela disse. – Meus pais, minhas irmãs, todos morreram num campo de concentração. (...) Os *góim*! Os *góim* nos perseguem, os *góim* nos atacam, os *góim* não nos deixam em paz! (...) E agora o meu filho, o meu próprio filho, a carne da minha carne, o sangue do meu sangue, quer abandonar sua gente e juntar-se aos *góim*! (...) Eu aprendi a valorizar o judaísmo. O judaísmo representa alguma coisa. Se não para você, pelo menos para os nazistas. Eles queriam matar a mim, e a seu pai, por causa do judaísmo. Então eu queria conservar este judaísmo (...) Você tem professores *góim*, você tem amigos *góim*, e agora tem uma namorada *gói* (SCLIAR, 2002, p. 54-58).

Em uma fervorosa preleção, Ida discursa sobre a importância que o judaísmo tinha para ela e o quanto queria que toda a sua família preservasse o judaísmo pelo qual seus antepassados foram perseguidos e mortos nos campos de concentração. Mas em seu discurso, Ida também deixa transparecer, que, apesar do temor por seu filho relacionar-se com os *góim*, também havia o preconceito pela cor da pele de Ana Lúcia: “Oh, Senhor, uma mulata. Já não

bastava ser góí, tinha de ser mulata” (SCLIAR, 2002, p. 58). Ida até tenta justificar-se com o fato de considerar Teresa, a mulata que trabalhava na farmácia, quase sua irmã. Mas dizia que a própria Teresa sabia que “a gente deve conhecer o nosso lugar”, e apesar da empatia, era “ela lá, eu aqui” (SCLIAR, 2002, p. 59).

O narrador nos apresenta um emaranhado complexo de sentimentos e posicionamentos, que revelam uma sociedade multifacetada, mas ainda cheia de estranhamentos e pré-julgamentos, expandindo a reflexão, já apresentada antes, de que aqueles que sofrem pelas consequências do preconceito podem também deparar com e ser confrontados por suas próprias percepções sobre o outro.

Um sonho no caroço do abacate ganhou uma adaptação para o cinema com direção de Luca Amberg. O filme, lançado em 1998, recebeu o título *Caminho dos sonhos* e se passa no ano de 1963, às vésperas do golpe militar. O enredo do filme ganha uma contextualização mais política, uma vez que Ana é militante de movimentos sociais. Para apresentar este contexto histórico específico, as datas do filme diferem das do livro, iniciando a história em 1944, com os pais de Mardo já fugindo dos terrores do nazismo, e saltando para o ano de 1963, quando o rapaz já teria dezoito anos. Na narrativa do livro, os pais de Mardo migram para o Brasil em agosto de 1939.

Para Barbara Heller, em “Nem abacate nem chalá: Moacyr Scliar (livro e filme)”, de 2008, há outra mudança significativa na adaptação do livro para o cinema, que pode ser observada ainda nas primeiras cenas. Enquanto no livro reforça-se a ideia das dificuldades da emigração – o que já aponta também as dificuldades de adaptação que a família de Mardo enfrentaria no Brasil –, no filme, a “generosidade”³ com a qual os países teriam recebido os judeus que fugiam do nazismo direciona para uma visão idealizada desse processo histórico.

³ Termo destacado por Heller.

Acordos políticos internacionais são feitos para que levas de exilados sejam aceitos, com menor ou maior índice de aceitação do país hospedeiro. Como no desenrolar do filme é a embaixada do Brasil na Suécia que concede o visto de entrada aos personagens exilados em questão, a palavra “generosidade” automaticamente atribui um valor positivo ao nosso país, embora a história também já tenha mostrado que os exilados de origem judaica encontraram resistência do governo Vargas para entrarem e se estabelecerem no Brasil (HELLER, 2008, p. 3).

O filme também difere do livro quanto ao desfecho: enquanto o longa tem um final trágico (Ana acaba morrendo em uma passeata), o livro tem um final feliz para o casal. Após uma discussão na escola, o irmão de Ana Lúcia é atingido na cabeça por um dos rapazes do Juva e sofre um traumatismo craniano. Esse acontecimento, resultado máximo da intolerância sofrida pelos dois rapazes na escola, abre espaço para uma união inesperada das famílias de Mardo e Ana Lúcia. Ida e o marido vão visitar o amigo do filho no hospital e estão aparentemente diferentes, mais amáveis e preocupados. A mudança na perspectiva da família, em particular a de Ida, talvez tenha se dado por compreenderem que a intolerância e o preconceito que culminaram com a agressão a Carlos poderia ter ocorrido também com seu filho; reconhecendo-se, portanto, como passíveis do mesmo tipo de mal. Um caminho sensato era, então, vencer suas próprias desconfianças e discriminações, compreendendo o outro como alguém que, apesar de vivenciar contextos e histórias diferentes, encontra-se em situação semelhante na sociedade brasileira. Carlos, apesar da gravidade do ferimento, se recupera e volta para casa depois de algum tempo.

O livro termina com Mardo e Ana Lúcia casados e com dois filhos. Ele arquiteto e ela formada em Letras. Ana não se converte ao judaísmo, mas se torna uma autoridade em literatura judaica. E o narrador, comparando seu discurso com o de seu pai, compreende que, apesar de terem vivido situações diferentes, a trajetória paterna foi repetida: “Também eu tive de atravessar um oceano, também eu tive de descobrir um país que não conhecia” (SCLIAR,

2002, p. 75). Embora, tenha nascido no Brasil, Mardo tem seus horizontes ampliados, compreendendo posições e sofrimentos não apenas seus.

Vários são os aspectos de *Um sonho no caroço do abacate* que podem ser discutidos na escola e com os jovens leitores de uma maneira mais geral, mas o principal deles é a questão do preconceito e da intolerância vividos pelos personagens da narrativa, em diferentes níveis e esferas. Scliar aproxima dois grupos com origens distintas, discriminados por questões aparentemente diferentes, que apontam para uma questão ainda muito pulsante na sociedade brasileira: o racismo.

Em relatório da ONU publicado em 2014, é possível refletir sobre o Brasil como um país onde o preconceito racial é muito palpável, cotidiano, presente na sociedade até mesmo em forma de racismo institucional. O relatório aponta para o racismo presente no inconsciente coletivo, apesar de muitas vezes velado e negado, citando ainda a problemática de questões como o *mito da democracia racial*, que dificulta um debate mais ampliado sobre o tema, bem como sobre suas implicações políticas e sociais (NAÇÕES UNIDAS, 2014, p. 5).

No livro de Scliar pode-se partir da intolerância sofrida por dois grupos, o judeu e o negro, para discutir o sentimento de superioridade dos alunos do colégio, pertencentes às elites e pouco acostumados a conviver com aqueles que lhes são diferentes. Como apontado por Heller (2008), as palavras “judeu” e “negro” assumem significados específicos, desvelando toda uma carga discriminatória. São a elas adicionados os termos “judeuzinho” e “crioulo” que marcam ainda mais o tom pejorativo com que os rapazes do Juva se referiam a Mardo e Carlos.

O Juva pode ser entendido como microrrepresentação de uma sociedade cheia de equívocos ainda muito enraizados e distante da igualdade tanto de tratamento quanto de

oportunidades. Os dois se tornam alvo de discriminação, ainda que por motivos diferentes. A certa altura do livro, lê-se uma nova carta atribuída a Jesus Cristo dirigida aos dois amigos:

“Não posso mais tolerar essa situação”, começava a “carta” e prosseguia: “o judeu e o negro se uniram. O judeu defendeu o negro, o negro retribuiu: entregou sua irmã à luxúria do outro. É um pacto, um pacto diabólico. Devem estar tramando a entrada de outros judeus e outros negros. Nosso colégio será tomado por eles” (...) “Quero que vocês os expulsem, como eu expulsei os vendilhões do templo, a chicote” (SCLIAR, 2002, p. 64-65).

A presença dos dois alunos questiona uma elite branca, rica e católica, que não consegue conviver ou respeitar aqueles que lhe são diferentes, e a reação que escolhem é desqualificar e perseguir. A figura de Cristo é acionada aqui na tentativa de legitimar o comportamento dos rapazes, utilizando-se uma referência bíblica de forma descontextualizada e incitando ações violentas. A agressão verbal e física motivada pelo preconceito é, muitas vezes, a culminância de percepções pouco refletidas, mas muito difundidas e enraizadas.

Com base na problemática do preconceito racial e religioso apresentada na narrativa, pode-se partir para discussões mais ampliadas e experienciadas por outros grupos em ambientes escolares, e na sociedade como um todo, abordando questões como o preconceito por classe social e por gênero, por exemplo, buscando valorizar a diversidade e refletindo sobre as concepções e comportamentos discriminatórios sofridos e perpetuados em nosso cotidiano.

Segundo Vera Maria Candau, partindo do conceito de “diferença” proposto por Tomaz Tadeu Silva (2000), em “Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas”, de 2011, as diferenças devem ser concebidas como

realidades sócio-históricas, em processo contínuo de construção-desconstrução-construção, dinâmicas, que se configuram nas relações sociais e estão atravessadas por questões de poder. São constitutivas dos indivíduos e dos grupos sociais. Devem ser reconhecidas e valorizadas positivamente no que têm de marca sempre dinâmicas de identidade, ao mesmo tempo em que combatidas as tendências a transformá-las em

desigualdades, assim como a tornar os sujeitos a elas referidos objeto de preconceito e discriminação (CANDAU, 2011, p. 246).

O ambiente escolar precisa ser, portanto, um lugar onde a construção de práticas pedagógicas tenha como objetivo criar oportunidades de reconhecimento e reflexão sobre as configurações de nossa sociedade e os caminhos possíveis para uma transformação do indivíduo e de suas percepções e ações diante do outro. Essa é uma tarefa a ser realizada pela escola como um todo, em diálogo com as instituições e os grupos sociais que com ela se relacionam.

A literatura tem um papel singular nesse processo de tomada de conhecimento da complexidade das relações vigentes em nossa sociedade e das problematizações delas decorrentes. Estas reflexões nos levam ainda a maiores indagações, como aquelas relativas ao papel da literatura na escola e a importância para a formação não apenas acadêmica, mas cidadã dos alunos. Regina Zilberman, em “O papel da literatura na escola”, de 2008, argumenta que houve uma mudança na concepção do papel da literatura, compreendendo “a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário” (ZILBERMAN, 2008, p. 16-17). E essa atividade, que pode ser experienciada ora individualmente, ora mediada por um educador e de modo coletivo, favorece situações dialógicas e transformadoras. A autora afirma que a literatura:

suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. (...) A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar no âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história (ZILBERMAN, 2008, p. 17).

Compreendendo a leitura literária como uma facilitadora na abordagem de situações cotidianas, fazendo referência a Iser, Zilberman (2008, p. 17) afirma que “o texto literário

introduz um universo que, por mais distanciado da rotina, leva o leitor a refletir sobre seu cotidiano e a incorporar novas experiências”. Dessa forma, a partir da familiarização com a narrativa, os alunos ampliam seu horizonte de experiências, tornando-se capazes de refletir diante de situações semelhantes, que dizem respeito ao seu próprio cotidiano e que tocam em aspectos da construção, e mesmo de um resgate, de sua própria identidade.

Dessa forma, *Um sonho no caroço do abacate* é um livro que possibilita a ampliação da compreensão tanto da formação multifacetada da sociedade brasileira quanto das desigualdades de tratamento e oportunidades, do preconceito e suas consequências, ao mesmo tempo em que nos direciona por um caminho de compreensão e respeito às diferenças.

Outros aspectos de *Um sonho no caroço do abacate* ainda podem ser tema de reflexão e debate entre os jovens leitores, como as características da imigração judaica no Brasil e integração desses imigrantes na sociedade. A narrativa de Mardo retoma o tempo de sua adolescência, assim como o período em que seus pais chegaram ao Brasil, em 1939 e as perseguições e mortes de judeus ao longo de vários séculos. Desse modo, outro ponto de discussão seria quais os avanços e retrocessos na questão do preconceito ao longo do tempo, retomando também a questão do negro no Brasil, e outros tipos de discriminação, pensando coletivamente propostas para um futuro mais consciente e respeitoso.

No fim do livro o narrador nos apresenta um desfecho esperançoso: a quebra de paradigmas de um colégio antes exclusivamente frequentado por rapazes brancos e ricos, que passa a receber também “negros e brancos, católicos e judeus, protestantes e budistas, rapazes e garotas” (SCLIAR, 2002, p. 74). É ainda importante destacar a figura do padre Otero, educador que propôs apresentar aos alunos do Juva uma realidade diferente daquela na qual viviam, abrindo caminho para uma mudança estrutural da instituição escolar, oportunizando um futuro em que os muitos grupos que compõem a sociedade poderiam interagir e se

respeitar. Ele também era alvo da perseguição dos alunos do Juva por ter possibilitado a entrada de Mardo e Carlos na escola e insistido em sua permanência, o que, por fim, teve resultados transformadores para o colégio.

O texto termina com uma indicação simbólica: embora o abacate real não tenha correspondido à toda idealização que dele fora feita, Ida e o próprio Mardo chegam à conclusão de que talvez a resposta para as suas perguntas e anseios em relação à vida deles no Brasil estivesse no caroço, um segredo bem ocultado em seu interior, aquele cuja primeira impressão nem sempre fará jus. O caroço, parte muitas vezes descartada da fruta, é aquele que está prenhe de vida, de continuidade e de possibilidades futuras.

Desse modo, *Um sonho no caroço do abacate* chega ao fim concretizando o desejo de Sciar já expresso no prefácio do livro: a vontade de contar histórias, não para “dar lições”, mas para compartilhar experiências e, sobretudo, esperanças.

Bibliografia

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. *Revista Currículo sem Fronteiras*, Lisboa, v. 11, n. 2, p. 240-255, jul/dez 2011. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss2articles/candau.htm>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

HELLER, Barbara. Nem abacate, nem chalá: Moacyr Scliar (livro e filme). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA, 11., 2008, São Paulo. *Anais eletrônicos...* São Paulo: Abralic, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/018/BARBARA_HELLER.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2017.

NAÇÕES UNIDAS. Conselho de Direitos Humanos. *Report of the working group of experts on people of African descent on its fourteenth session*. New York, 2014. Disponível em: <www.ohchr.org/EN/HRBodies/HRC/RegularSessions/Session27/Documents/A.HRC.27.68.Add.1_AUV.doc> Acesso em: 25 mar. 2017.

PÓVOA, Carlos Aberto. *A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo - SP: a migração do Bom Retiro ao Morumbi*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-26102007-151129/pt-br.php>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SCHNEIDER, Talita Felix. O herói na literatura juvenil de Moacyr Scliar. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 3., 2012. *Anais eletrônicos...* Porto Alegre: PUC, 2012. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Index.html>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

SCLIAR, Moacyr. *Os voluntários*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

_____. *Um sonho no caroço do abacate*. Ilustrações de Mauricio Negro e César Landucci. – 8. ed. São Paulo: Global, 2002. (Coleção Jovens Inteligentes).

_____. *Os deuses de Raquel*. Porto Alegre : L&PM, 2003.

ZILBERMAN. Regina. O papel da literatura na escola. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 14, p. 11-22, dec. 2008. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

_____. O escritor, o leitor e o livro. *WebMosaica* Porto Alegre, v.3, n.1 jan/jun 2011.).

Disponível em: < <http://www.seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/22362>> . Acesso em: 07 abr. 2017.